

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Anna Carla Quirino Teixeira

**UMA REVISÃO DA LITERATURA NACIONAL SOBRE A PERCEPÇÃO DOS MORADORES DE  
COMUNIDADES A RESPEITO DO TURISMO DE FAVELA**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Profa. Dra. Anne Bastos Martins Rosa.

Juiz de Fora  
2018

## **DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO**

Eu, Anna Carla Quirino Teixeira, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201572083A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **UMA REVISÃO DA LITERATURA NACIONAL SOBRE A PERCEPÇÃO DOS MORADORES DE COMUNIDADES A RESPEITO DO TURISMO DE FAVELA**, desenvolvido durante o período de Agosto de 2017 a Dezembro de 2018 sob a orientação de Anne Bastos Martins Rosa, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

**Anna Carla Quirino Teixeira**

**Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

# UMA REVISÃO DA LITERATURA NACIONAL SOBRE A PERCEPÇÃO DOS MORADORES DE COMUNIDADES A RESPEITO DO TURISMO DE FAVELA.

Anna Carla Quirino Teixeira<sup>1</sup>

## RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de verificar como a literatura científica nacional descreve a percepção do morador local em relação à atividade turística na favela. Para isso considerou-se relevante compreender a relação entre o morador e os turistas, como também a existência, ou não, do envolvimento da comunidade local na prática turística. Esse segmento é considerado um conjunto de novas ações e práticas turísticas em meio a um espaço geográfico contraditório e socialmente vulnerável, em que o morador ainda não recebeu, do ponto de vista das pesquisas científicas, tanta atenção quanto a que vem sendo dada aos turistas. Logo a relevância da pesquisa encontra-se nestes aspectos. Para a elaboração deste trabalho foi realizada uma revisão da literatura nacional que abordaram a realidade de favelas cariocas, como Cidade de Deus, Rocinha, Morro do Alemão, Morro da Babilônia e Morro Santa Marta.

**PALAVRAS-CHAVE:** Favela, turismo, comunidade local, percepção, literatura.

## 1. INTRODUÇÃO

O tema aqui abordado é a atividade turística nas favelas da cidade do Rio de Janeiro (RJ), com o objetivo principal de realizar uma revisão da literatura nacional sobre a percepção dos moradores a respeito do turismo de favela e desses espaços e por meio dela entender a relação entre anfitrião e hóspede, do ponto de vista do morador. As pesquisas utilizadas para a composição deste trabalho investigaram as favelas Cidade de Deus, Morro da Babilônia, Vigário Geral, Rocinha, Vila Canoas, Morro Santa Marta e o Complexo do Alemão.

Há que se considerar o baixo número de materiais acadêmico-científicos cujo foco de investigação seja o morador da favela. Ao contrário, observou-se serem comuns investigações que narram a experiência do turista e que levantam sua opinião sobre o passeio pelas comunidades. Em função disto, neste trabalho procurou-se enfocar o morador local, como um grupo de indivíduos que sofre os impactos diários da atividade turística.

De acordo com Frenzel (2010, apud ROSA 2017), a percepção do morador quanto à prática do turismo de favela ainda é uma lacuna existente nas investigações que englobam essa temática. O assunto é relevante para que se possa entender como o turismo de favela é trabalhado, identificar pontos que necessitam de atenção e definir o que é preciso melhorar para que a atividade possa beneficiar não somente as agências turísticas como também as pessoas que lá vivem.

A metodologia utilizada foi consulta de artigos acadêmicos da literatura nacional que tratavam das favelas da cidade do Rio de Janeiro, RJ. O trabalho em questão encontrou uma limitação: a literatura nacional sobre o assunto gira em torno das pesquisas realizadas por Freire-Medeiros, publicados nos anos de 2006, 2007, 2009 e 2010. Vários dos autores utilizados ao longo da revisão citam Freire-Medeiros com constância, como: Anderson, Kamada, Mano, Mendes, Menezes e Rosa.

A elaboração da discussão teórica se divide em dois momentos, primeiramente com a discussão a respeito da favela, como se deu o surgimento deste espaço, sua publicidade e passando pelo interesse pelos *dark tours*. A segunda parte aborda o objetivo principal, a análise por meio da literatura nacional da percepção dos moradores da favela a respeito da atividade turística nas favelas da cidade do Rio de Janeiro (RJ).

## 2. FAVELA: ORIGEM, PUBLICIDADE E DARK TOUR

Valladares (1991 apud Boyer s/d), ao tratar da pobreza no Brasil, a divide em três períodos: o primeiro deles sendo o da virada do século XIX para o século XX, com os cortiços e o reconhecimento da pobreza pelos olhos da elite nacional. Os cortiços eram habitações coletivas, onde a população mais pobre se instalava,

---

<sup>1</sup>Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: annaqueteira@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Prof. Dra. Anne Bastos Martins Rosa

sendo considerados os primeiros tipos de favela, antes da ocupação dos morros. Como os moradores também não tinham condições econômicas para realizar reformas necessárias, as habitações ficaram cada vez mais insalubres, a ponto dos sanitaristas preocuparem-se com a saúde e com as condições sanitárias, enxergando os cortiços como os responsáveis por propagar doenças e como “o mal a ser erradicado”.

O segundo período se deu entre as décadas de 1950 e 1960, com as favelas. O alto crescimento da população fez com que a cidade se visse presa à escassez de oferta de empregos, acelerando o ritmo da pobreza e a formação das favelas. Foi nesse período que a pobreza passou a ser compreendida como fator social e o desemprego como um produto do excesso de mão de obra.

A pobreza presente nas favelas ganhou cada vez mais visibilidade e espaço nas discussões políticas. O morador foi visto como alguém que vive às margens da sociedade, excluído, associando o termo “favelado” ao estado de pobreza. (Valladares, 2000). Apesar disso, não se deve considerar apenas o viés da pobreza, pois a pobreza possui diferentes enfoques. No caso da favela a definição mais pertinente é a de pobreza relativa:

O conceito de pobreza relativa é descrito como aquela situação em que o indivíduo, quando comparado a outros, tem menos de algum atributo desejado, seja renda, sejam condições favoráveis de emprego ou poder. (Crespo e Gurovitz, 2002, p. 4)

O terceiro período aconteceu entre as décadas de 70 e 80, com as periferias (Valladares, 1991 *apud* Boyer, s/d) A desigualdade atingiu níveis alarmantes, os trabalhadores passaram a se deslocar para as áreas periféricas e as periferias se tornaram espaços de segregação. Nesse período destaca-se também o declínio das favelas por políticas de remoção desses espaços, responsáveis por remover uma grande quantidade delas.

A intenção era removê-las totalmente, e enviar seus moradores para comunidades periféricas. Foi criada para tais propósitos, a CHISAM (Coordenação de Habitação de Interesse Social da Área Metropolitana), com o ideal de erradicação dessas comunidades e de realocar os “favelados” para locais mais “adequados” a eles (BRUM, 2013). Porém, o objetivo da CHISAM, de remoção completa das favelas, não foi alcançado.

O termo “favela” passou a ser definido na cartilha do IBGE (2010) como elemento integrante de áreas conhecidas como “aglomerados subnormais”, juntamente a comunidades, mocambos, vilas e outros. O Plano Diretor do Rio de Janeiro (2011), disponível no *site* da Prefeitura do Rio de Janeiro, por sua vez, apresenta uma definição mais detalhada:

Entende-se por favela a área predominantemente habitacional, caracterizada por ocupação clandestina e de baixa renda, precariedade da infraestrutura urbana e de serviços públicos, vias estreitas e alinhamento irregular, ausência de parcelamento formal e vínculos de propriedade e construções não licenciadas, em desacordo com os padrões legais vigentes. (Plano Diretor do Município do Rio de Janeiro. Lei Complementar Nº 111 de 2011, p.92)

O Plano Diretor (2011) trata das propriedades e construções, focando nas questões como as condições de infraestrutura lá existentes. O Observatório de Favelas (2009) associa o espaço da favela a um lugar com alta densidade de habitações, mas também ao estigma que ela carrega e como um lugar de pobreza, em relação ao restante da cidade. O texto aponta que a favela tem passado por diversas transformações e que existem favelas de todos os tipos, sendo o que distingue das outras comunidades a questão da propriedade de terra:

[...] existiriam favelas de todos os tipos: desde aquelas que possuem uma ocupação mais rarefeita quanto outras mais adensadas. É possível, até mesmo, encontrar algumas que apresentam uma malha viária bem traçada, com espaços livres que se destinarão no futuro, à construções de lazer ou de equipamentos comunitários. Quanto as características do ambiente construído, essa autora afirma que muitas apresentam melhoras significativas, no que se refere ao padrão construtivo das moradias e da disponibilidade de serviços urbanos. Desse modo, essa autora conclui que, em última análise, o que distingue a favela de outras comunidades pobres que lhes são semelhantes é a questão da propriedade de terra. (Observatório de Favelas *apud* Perlman, 2009).

Devido a todas essas características, a favela se tornou alvo da estigmatização, carregada de aspectos negativos, seja pela violência, pelas drogas ou outros fatores. Ressalta-se o que Goffman (1963), Elias e Scottson (1994) apud Rosa (2017, p. 45) apresentam como definição de estigma:

[...] estigmas são indicadores de identidade social, utilizados para marcar o pertencimento a grupos detentores de características não desejadas pelo restante da sociedade, quase sinônimo de diferente, anormal, inferior e indesejável (GOFFMAN, 1963) com quem o contato é tido como repugnante e inoportuno (ELIAS; SCOTTSON, 1994).

A estigmatização da favela se deu por ela ser vista, pelo restante da sociedade, como algo inferior. Apesar disto, mais atualmente, a favela também foi associada a símbolo de *consumo*, do ponto de vista do mercado, como explica Freire-Medeiros (2007).

Em alguns países o termo favela deixou de ser somente um conceito de pobreza para ser vendido e visto como uma favela “*chic*”. Países como Alemanha, Inglaterra, Escócia, Austrália e Japão vendem a favela como uma marca, um empreendimento lucrativo que atrai clientes, vendido como algo alternativo e “descolado”. Em Tóquio, por exemplo, foi criado o Restaurante Favela, que servia aos seus clientes comidas como a feijoada. Já Paris tem o *La Favela Chic*, um restaurante e bar que serve comidas como o pão de queijo e o chamado *favela burger*, e que possui em seu *website* personagens famosos da cultura brasileira, como o Cristo Redentor. Inclusive a sandália havaianas, é comercializada em diversos países como um produto da favela. Esses exemplos reforçam a ideia de que o termo favela passou a ser, do ponto de vista comercial, símbolo de consumo, mas é importante que se mantenha em mente que ela não deixou, no contexto social, político e econômico, o estigma de pobreza para trás.

Outro marco responsável por colocar a favela como espaço de consumo foi a Eco-92, uma Conferência das Nações Unidas que abordou o tema Meio Ambiente e Desenvolvimento, que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro, em Junho de 1992. A maior preocupação da ECO-92 foi atrelar o progresso das nações sem alterar a qualidade de vida dos seus habitantes e protegendo o meio ambiente. Dessa forma se tornou conseqüentemente responsável por chamar a atenção e levantar uma discussão sobre praticar um turismo mais sustentável (SENADO/GOV, s/d).

Foi durante a ECO-92 que surgiu o interesse pelas comunidades mais carentes, por parte das autoridades que compareceram à conferência. A partir de então, idealizou-se a criação da primeira agência de turismo na favela, a Favela Tour (Serson, 2008). Com o tempo a procura por esses passeios foi crescendo, o número de agências aumentando, para chegar ao que conhecemos hoje do turismo de favela.

Uma série de filmes e documentários foram responsáveis por atrair a atenção para as favelas, despertando interesse e popularizando o turismo neste ambiente. Entre eles tem-se o “Cidade de Deus”, lançado no Brasil em 2002, que conta a história de dois jovens da favela que deu nome do filme - uma das mais violentas da cidade do Rio de Janeiro, com aproximadamente 38 mil habitantes e localizada na Zona Oeste do Rio de Janeiro. O enredo mostrou a favela como um lugar de assassinatos e drogas (FRANQUEIRA, 2012). Já Dutra (2005) aponta que o motivo para o sucesso do filme deve-se, em parte devido, à participação dos próprios moradores das favelas no elenco. O filme foi exibido em diversos países e atraindo turistas para o Brasil.

Já o Morro da Babilônia, RJ, localizado entre os bairros do Leme, Urca e Botafogo e com população de aproximadamente 2 mil habitantes, foi escolhido para ambientar o filme “Orfeu Negro”, de Marcel Camus. O filme conta o romance de Eurídice e Orfeu, casal que se conhece na cidade do Rio de Janeiro. Esse filme gerou grande polêmica em Cannes, de acordo com Fléchet (2009), pois causou desconforto em determinadas entidades, graças à exibição de imagens das favelas e personagens negros, pois eles acreditavam que “Orfeu Negro” passava uma imagem ruim do Brasil ao redor do mundo, que não deveriam exibir as favelas, mas sim um Brasil mais bonito. Contrariando essa crença, ainda de acordo com a autora, o filme foi aclamado e premiado, abrindo portas para o cinema brasileiro mundo afora.

O curta-metragem “Cidade dos Homens”, filme baseado no sucesso Cidade de Deus, retratou a vida real, a violência do cotidiano da favela, por meio de conversas entre os próprios personagens. Dessa forma, segundo a autora, foram trabalhadas histórias reais sem que fosse necessário recorrer a imagens, retratando essa realidade das favelas e tratando de temas como violência, preconceito e pobreza. Schwertner (2005)

O documentário “Favela Rising” - que conta a história do grupo Afroreggae e de seu fundador, Anderson de Sá, mostra a favela Vigário Geral, localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro. De início a

história mostra uma favela tomada pela guerra entre facções e a trajetória do Grupo em meio a essa realidade, adotando atividades culturais como alternativa de combate a esses problemas ocorrentes na favela e como atrativo para a população, especialmente para os mais jovens. (Fidalgo, 2005)

Contrário à ideia de violência, o curta-metragem “Tem Gringo no Morro”, dirigido e produzido por Bruno Graziano e Marjorie Niele, traz uma narrativa sobre o *slumming*, passando pelas ruas e vielas da favela da Rocinha, RJ, considerada a favela mais populosa do Brasil de acordo com o Censo IBGE de 2010 e localizada na Zona Sul da cidade, revelando como lá se desenrola o turismo. Também entrevistando moradores, guias turísticos, os próprios turistas estrangeiros e com imagens acompanhando o seu *tour* pelo morro, permitindo que o espectador veja imagens reais do turismo se desenrolando nessa favela.

Outro filme nacional que aborda a questão das favelas é o sucesso “Tropa de Elite”, que mostra uma favela violenta, uma polícia e uma cidade corruptas e um “herói” do BOPE. O filme mostra o Morro da Babilônia, e de acordo com De Paula (s/d) mostra “onde o espírito da favela leva as pessoas ao seu estado mais primitivo”. A repercussão que o filme teve também seria responsável por passar uma imagem negativa do turismo carioca.

Apesar dos filmes nem sempre venderem uma imagem positiva para o espectador, ainda sim eles conseguem despertar o interesse do turista para visitar as favelas. Associado a isso, o próprio histórico da favela desperta o interesse no indivíduo devido ser este um espaço diferente daquele em que vivem os turistas, como Rosa (2017, p.12) constata em seu trabalho:

O turismo de favela, contudo, tem como antecedentes históricos a curiosidade que o diferente e o exótico causam nos indivíduos. Parece haver apelo e motivação que se auto justificam, em lançar o olhar sobre aquilo que foge à compreensão imediata. Os ricos desconhecem o que é ser pobre e parte deles interessa-se em ir ao encontro da pobreza, por meio das excursões seguras e planejadas, que funcionem como um breve elo entre seu mundo e o mundo do outro.

Logo, vê-se que o interesse pelo exótico e pela pobreza não é algo que surgiu recentemente, na realidade ele já existia também com o *slumming* - tendência das pessoas de visitar as áreas pobres das cidades. Era uma espécie de entretenimento para quem praticava, principalmente com os indivíduos pertencentes às classes mais altas. O *slumming* permitia a liberação social, sexual e pessoal das pessoas que o praticava, e entre elas estavam principalmente os estrangeiros (FREIRE-MEDEIROS, 2009).

A palavra *slum* perdeu seu prestígio. Depois de estar na moda, graças à onda de humanitarismo que varreu o país nos anos 1880 e 1890, de repente, com o declínio do *slumming* como um passatempo filantrópico, a palavra tornou-se um tabu, mas o fato é que a *slum* perdura (Anderson, 1928. p.27 apud FREIRE-MEDEIROS. 2009. p. 31).

O *slum* tem ligação com o que Freire-Medeiros (2007) discute como turismo alternativo, que são as experiências como o ecoturismo e até mesmo peregrinações religiosas. Nesses chamados *reality tours*, os turistas procuram passeios que visam a autenticidade e a interatividade, eles procuram emoções extremas. Os *reality tours* se dividem em *tours sociais* e *tours sombrios*. O primeiro *tour* tem foco em visitar lugares que possuem desvantagens econômicas, do turismo de pobreza, aproximando o visitante do morador, que passa a ter maior contato com o cotidiano daquelas pessoas, como acontecia no *slumming*.

Já o *dark tour* atrai o turista a “consumir mortes e desastres espetacularizados” (FREIRE-MEDEIROS, 2007, p.4). A autora apresenta os dois lados de uma favela, a favela da violência e a favela da autenticidade, proporcionando ali a oportunidade de ter contato com a realidade, um *dark tour*, como visto nas atividades turísticas em *Auschwitz*, *Chernobyl*, fronteiras do México e também o “*Ground Zero*” (local do *World Trade Center*), que hoje dão lugar a memoriais e são os destinos mais atraentes para quem quer ter esse tipo de experiência.

A favela que é elaborada e vendida como atração turística leva ao paroxismo as premissas dos *reality tours*: ao mesmo tempo em que permite engajamento altruísta e politicamente correto diante da paisagem social, motiva um sentimento de aventura e de deslumbramento diante da paisagem física. É a experiência do

autêntico, do exótico e do risco em um único lugar (FREIRE-MEDEIROS, 2006, p.5).

Os turistas acabam ficando decepcionados quando visitam algumas favelas, principalmente a da Rocinha, devido ao nível de desenvolvimento que têm, pois sua principal expectativa é de encontrar níveis de pobreza extrema, como é encontrado na África.

A Rocinha virou bairro, cresceu muito [...] as pessoas têm ar-condicionado, têm uma vida melhor. Você vê tanto o lado pobre quanto o mais desenvolvido. Mas esse lado mais desenvolvido você só tem na Rocinha. Você não tem em outra favela. Aquele comércio... Então decepciona um pouco os turistas quando você só fica naquela área comercial. Eles ficam achando que a Rocinha não é pobre o suficiente, que não é pobre como essas cidades miseráveis da África (Valladares apud Freire-Medeiros, 2007, p. 8).

A imagem que é vendida da favela, como pode se observar em filmes e alguns artigos, é de pobreza, drogas e violência. Por isso mesmo é discutido se os *tours* sombrios são um modelo de atividade turística ética ou não. O aspecto ético do turismo de favela também traz à tona o conceito dos zoológicos humanos. Termo comum nos séculos XIX e XX, devido à colonização pelo homem branco e por sua necessidade em expor suas conquistas. Muitas dessas “conquistas” eram os escravos e prisioneiros dos povos colonizados, que eram considerados exóticos e estranhos pelos europeus e americanos (MOTA, 2016). Assim, por serem exóticos, eles ficavam expostos e a *mercê* da curiosidade das pessoas, para entretê-las.

Rosa (2017) explica que nas visitas as favelas os turistas se deslocam em carros semelhantes aos que vemos nos Safáris. No caso da favela, os visitantes são transportados nesses veículos enquanto fotografam as pessoas na favela, despertando nos próprios moradores o sentimento de estar em um Safari, por serem os objetos de observação. A autora aponta que com isso há uma objetificação daquela comunidade:

As pessoas envolvidas são vistas como meros instrumentos de manipulação a serviço do interesse de terceiros, sendo usadas e tendo sentimentos de inferioridade, associados a baixo poder, despertados pela circunstância em que reconhecem o valor apenas enquanto foram úteis aos demais. (Rosa, 2017. p. 128)

Tanto no Zoológico Humano quanto nas favelas, está presente o interesse pelo exótico, pelo diferente. É um aspecto que liga os dois, separados por dois séculos, mas que ainda expõem uma comunidade como objeto que desperta a curiosidade da população.

### **3. A PERCEPÇÃO DO MORADOR POR MEIO DA LITERATURA NACIONAL**

Neste item serão tratados assuntos pertinentes ao turismo de favela com foco para a compreensão da percepção do morador.

Conforme pesquisa realizada por Freire (2008), no Bairro de Acari, bairro de classe média e baixa do Rio de Janeiro, questionou-se qual era a definição que eles tinham do termo “favela”. Para um dos entrevistados, favela é um lugar que reúne “um monte de gente sem educação”, para outro “um local sem a presença do Estado ou onde há conflitos com delimitação de espaço”, ou ainda “um lugar onde ninguém respeita o espaço de ninguém, com um monte de barracos juntos, ‘puxadinhos’... onde o morador não entende nada de espaço” (FREIRE, 2008, p.101).

Em relação ao olhar do próprio morador sobre a favela, eles fazem uma crítica aos filmes que exibem o lugar, pois acreditam que os filmes retratam uma favela “estereotipada” e que não dão atenção aos pontos positivos que ela possui. Devido a isso, os moradores ficam com um sentimento de que os filmes reforçam os estereótipos com os quais a sociedade os descrevem (Dantas e Louzada apud Porto).

Apesar de receberem essa identidade negativa, na pesquisa realizada na favela de Villa Canoas e na Rocinha (Machado, 2007 apud Freire-Medeiros, 2010), se percebe que os moradores têm aceitação do turismo na sua comunidade. A moradora identificada como A, é uma das que veem no turismo algo positivo:

A mim [a presença dos turistas] não incomoda. Até faz bem para comunidade, ajuda a tirar aquela ideia de que é um lugar violento. Eu tenho amigos que, quando falo que moro na Rocinha, dizem que não vão lá nunca, pois teria tiroteio todo dia, toda hora. Então, com o turismo tira essa impressão de que é só violência. (Entrevistado) (Machado, 2007 apud Freire-Medeiros, 2010. p. 39)

Entre outros moradores que veem o turismo positivamente, estão os entrevistados por Kamada (2015), na favela de Vila Canoas. A autora observa que os moradores enxergam no turismo uma forma de obter renda extra. Um desses casos é o da moradora “Dona Vera”, que hospeda os turistas em sua própria casa e com isso consegue complementar a renda da família.

A ideia de começar a trabalhar com o turismo veio dos meus filhos. Na época o meu marido estava desempregado e meu filho mais velho já tinha feito cursos de turismo, como guia, um projeto social. Na época era preciso completar a renda, então o turismo foi importante por isso. E a gente sempre recebia os amigos dos filhos em casa também. Hoje em dia a gente gosta por causa do contato (D. Vera, anfitriã, 2014). (KAMADA, 2015. p. 51)

Outro morador que tem no turismo de favela uma forma de geração de renda, de acordo com Rosa (2017, p. 125), é o morador da Rocinha, identificado como Cícero – nome fictício: “o turismo para mim é tudo, é meu sustento, assim como muitas famílias sobrevivem da visitação turística aqui na favela”.

Entretanto, há moradores que estabelecem críticas quanto à falta de oportunidades de geração de renda para a comunidade local. Machado (2007) aponta dois problemas: o fato dos roteiros excluírem do seu percurso pontos de venda de artesanato e a distribuição dos recursos provenientes da atividade turística. Em entrevista realizada pela autora, uma moradora critica o fato deste lucro não chegar a todos:

Eu acho que eles exploram o Turismo. Uma pessoa ganha dinheiro com isso, faz uma enganada. Eu tenho a sensação que eles dão uma enganada de alguma forma, uma obra para inglês ver (...) na verdade o lucro todo é do dono da agência, o morador não ganha nada, pelo contrário (...) Por mim esse turismo não existiria (MACHADO, 2007, p. 54).

Não há uma opinião homogeneamente positiva ou negativa. De acordo com Machado (2007) uma parte dos moradores enxerga esse turismo como invasivo, enquanto a outra parte enxerga os turistas como filantrópicos.

Outros entrevistados apresentavam um sentimento de desconforto em relação ao modelo de turismo de favela utilizado, onde eles se sentiam como em um zoológico, pois os turistas tiravam fotos e iam embora. Foi a partir desse sentimento que surgiu a iniciativa do Favela Receptiva, que será discutido posteriormente.

Apesar desse sentimento dos moradores, de desconforto, observa-se que há no morador uma esperança de que o turista saia do *tour* com uma visão diferente do que é a favela. A autora conta sobre o modo como os moradores se mostraram receptivos aos turistas da favela, mesmo cientes das intenções dos turistas ao frequentar os *tours* (Machado, 2007 apud Freire-Medeiros, 2010, p. 11).

Todas as vezes que nossa equipe participou dos tours, crianças e adultos foram extremamente receptivos aos turistas, acenando com entusiasmo e arriscando algumas palavras em inglês. Obviamente, não estamos negando a relação de iniquidade entre os turistas do Primeiro Mundo e os moradores, mas é importante perceber que os favelados não são elementos passivos do olhar curioso do visitante. Como me disse o motobói H., “morador não é otário, a gente está ligado na intenção de vocês [pesquisadores? gringos? guias? visitantes em geral?], a gente sabe que a galera vem aqui para se divertir, mas também para ver o barraquinho, para ver o bandidão.”

Freire-Medeiros (2010) mostra que, curiosamente, ao mesmo tempo em que o turista está lá para ver o exótico, o diferente, a pobreza da favela, eles se tornam uma atração para as pessoas que lá vivem, pois eles também são vistos como figuras exóticas, pelos próprios moradores.



Nos passeios que acompanhamos, pudemos presenciar como os turistas tornam-se também uma divertida e exótica atração para os moradores. Adultos e crianças fazem comentários jocosos sobre as roupas e os cabelos dos visitantes: “Olha lá o modelito dele!”, “Essa daí está pronta para o safari.”[...] “Eu fico zoando porque eu não sei falar a língua deles”, justifica uma garotinha de 11 anos. Outras tantas vezes, aos turistas são atribuídas qualidades infantis [...] O olhar que estranha, no mais das vezes, é devolvido à presença estrangeira que, de tão frequente, passa a ganhar um estatuto de quase normalidade. (FREIRE-MEDEIROS, 2010. p. 12)

Já com resultados apresentados a partir das pesquisas realizadas pela mesma autora (Freire-Medeiros 2009), aponta-se que os moradores da Favela da Rocinha aceitam bem a presença dos turistas, mesmo que não recebendo lucro econômico significativo. A entrevista revela que 83% do público entrevistado vê a presença do turista como algo positivo, 9% se vê indiferentes, e 3% consideram a presença deles como algo negativo.

A autora revela também que, no conjunto de negativos e positivos, há pessoas que avaliam bem a proposta do turismo na favela, mas se opõem ao modelo como o *tour* é realizado. Uma das moradoras, identificada como R., conta que a atividade poderia ser aproveitada em prol da comunidade, mas que no momento é uma atividade que beneficia poucas pessoas, sendo essas pessoas as que organizam os tours e os visitantes.

É evidente que há diferentes opiniões dos moradores sobre o turismo de favela. Enquanto um morador pode ver nele uma oportunidade e acredita que coisas boas provêm da atividade, outro considera que os benefícios não chegam até a comunidade. Um ponto em comum citado é a possibilidade dos *tours* alterarem a visão do turista sobre a favela. O morador identificado como M. acredita que o turismo pode transformar a imagem que as pessoas têm da favela.

[O turismo] é bom para mostrar que a Rocinha não é só violência, tiroteio. A Rocinha não tem só isso. Tem muita coisa boa, muitos projetos sociais, de arte e cultura, enfim, tem vários trabalhos sociais bons aí dentro da Rocinha [...]. Eu já vi [os turistas] ajudarem a comunidade – queira ou não eles ajudam, diretamente ou indiretamente. Eles colocam os olhos dentro dessa comunidade (M., 28 anos, forneiro). (FREIRE-MEDEIROS, 2009. p. 122)

Foi abordada também, em sua pesquisa, a questão da fotografia, mostrando que cerca de 83% dos moradores entrevistados não levariam os turistas em áreas consideradas mais pobres, mas sim locais que agregam o que há de mais positivo na percepção deles, seja a vista da paisagem ou outros aspectos positivos que a favela possui.

Menezes (2007) mostra na pesquisa realizada também na Rocinha, que os moradores não se importavam em serem fotografados pelos turistas, ou terem suas casas fotografadas. A autora revela que os moradores não tinham problema com isso, e nas ocasiões que havia um desconforto, este estava relacionado a timidez e não ao ato da fotografia em si.

se algum turista quiser tirar foto da minha casa, é só não reparar por que está em obra lá. Não ia me sentir invadida nem incomodada, desde o instante que deixem eu me produzir para as fotos, está tudo ótimo! (Menezes, 2007, p.17)

Mendes (2014) conta que visitou a favela da Rocinha em dois momentos diferentes. A princípio viu que a população daquela favela se encontrava adaptada às visitas de excursões, porém no segundo momento ela observou que eles pareciam constrangidos, não pela presença dos turistas, mas pela exposição das condições do cenário a sua volta. Neste aspecto, muitos moradores citaram a fotografia como um incômodo, em especial, aquela foto feita sem a autorização de quem está sendo filmado. No entanto, a fotografia também pode ser vista por alguns como uma ponte entre moradores e turistas, visto que ainda há uma dificuldade muito grande encontrada na interação entre turista e morador, que é a barreira do idioma, que impede uma troca de experiências entre ambos, exceto por intermédio do guia turístico.

Uma das preocupações existentes na favela da Rocinha hoje em dia é de evitar que os recursos destinados as necessidades da comunidade local fiquem às sombras dos recursos destinados ao turismo de favela, ou seja, que haja maior destinação de recursos para um do que para o outro.

Mendes (2014) também analisa o caso de Vila Canoas, onde foi desenvolvido um projeto chamado “Favela Receptiva”. Esse projeto contava com a participação do SEBRAE e visava capacitar os moradores a receber os turistas, almejando que além de ter contato na própria residência do morador, o turista pudesse vivenciar o cotidiano dele e em troca oferecesse habilidades profissionais a comunidade e seus habitantes.

Enquanto Mendes (2014) não apresentou nenhuma entrevista com os moradores a respeito do projeto, Kamada (2015) realizou algumas nessa comunidade. Uma das entrevistadas foi a criadora da Empresa Favela Receptiva, Eneida. A entrevistada conta que a iniciativa surgiu do sentimento dos moradores, de desconforto, e também de não se sentir parte do turismo realizado na comunidade. Junto a um amigo, Eneida visualizou a oportunidade que os moradores tinham de ganhar dinheiro com a hospedagem dos turistas da favela. A autora questiona quais as primeiras lembranças que os moradores possuíam do início desse projeto:

Me marcou muito o início. Ofereci 4 leitos na internet à meia-noite e às duas horas da manhã já tinha vendido tudo! Eu achei aquilo o máximo, me surpreendeu totalmente. No segundo ano, aumentamos para umas 20 casas, coloquei na internet e foi muito rápido a venda também, fiquei encantada! (Eneida, Agência Favela Receptiva, 2014. p. 54).

De acordo com Mendes (2014), em outros lugares como o Morro Santa Marta, os moradores também exploram a atividade turística, seguindo um modelo diferente do que é aplicado pelo Estado:

*Lá foi realizada uma reunião com os moradores locais justamente para discutir os problemas causados para a comunidade com a atividade do turismo e sobre a ausência do governo no diálogo para negociar uma melhor forma de exploração da atividade do turismo, sem os prejuízos que estão sendo causados. (MENDES, 2014. p. 142)*

Pode-se observar que há um trabalho de conscientização por parte da comunidade acerca da atividade turística e seus pontos negativos, procurando uma nova forma de trabalhar o turismo que não prejudique a comunidade local.

O Morro Dona Marta foi a primeira favela a receber um projeto de Turismo de Base Comunitária (TBC) por parte do Estado do RJ, chamado de *Rio Top Tour*. O Morro fica localizado na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, e tem uma população de aproximadamente 3,900 habitantes (Censo IBGE, 2010).

O Turismo de Base Comunitária, também conhecido por TBC, não possui uma definição única. Para Machado (2007), ele tem como objetivo principal proporcionar desenvolvimento para a comunidade local, beneficiando e gerando lucro para não apenas agências e agentes de turismo, como para os próprios moradores. Já para o morador, é uma nova oportunidade que a comunidade tem no turismo de favela:

O turismo em favela, o TBC e o tour de experiência vieram pra agregar valor trazendo a perspectiva diferente: inserir os favelados no segmento do turismo, abrir a possibilidade do turismo nas favelas em um segmento que é elitizado, e a gente conseguiu quebrar e furar esse bloqueio. Ter e gerir o próprio negócio. (MANO, et al. 2017, p. 432)

Segundo o autor, apesar do projeto ter sido descontinuado ainda é possível perceber seus resultados na favela. As agências que antes realizavam os tours não estão mais lá, o policiamento foi aprimorado e a população tem conhecimento sobre o TBC (MANO, 2017). Além disso, o TBC permitiu uma mudança na relação do turismo com a comunidade local, uma aproximação entre turista e morador, como revela o morador entrevistado:

Conosco o turista sai com uma vivência maior porque interagiu, conheceu a casa de um morador. Quando eu faço o tour eu interajo com a Dona Francisca, com a Dona Maria. Apertando a mão e me abraçando. Eles (os turistas) também

interagem e percebem que realmente eu moro aqui e eu conheço todo mundo. Eles saem daqui com uma bagagem muito maior (MANO, et al 2017, p. 427).

O autor discute que o surgimento do TBC pode ser um novo método que a comunidade adotou, proporcionando maior interação entre ambos, no turismo de favela. A ideia também é permitir que a comunidade local tenha acesso e controle sobre a gestão do turismo no espaço em que ele se aplica.

Outra comunidade que busca um novo tipo de turismo é o Complexo do Alemão, com o chamado Turismo Sustentável. Esse turismo tem em seu diferencial a atuação da comunidade em todas as etapas da sua organização (FERNANDEZ, et al. 2014). Para a OMT, o turismo sustentável é aquele que preserva os recursos naturais ao mesmo tempo que promove o desenvolvimento da atividade turística no local, preservando a identidade local e atendendo tanto a comunidade quanto o turista. Porém, no caso do turismo sustentável, não foram encontradas pesquisas a respeito da percepção dos moradores locais.

O “Complexo do Alemão” é um conjunto de favelas no Rio de Janeiro, com aproximadamente 70 mil habitantes. De acordo com Patrícia Brandão Couto e Rute Rodrigues (2015), são 12 comunidades que englobam o complexo, que entrou no imaginário da sociedade como um lugar de violência, após a sua ocupação em 2010, com a operação conjunta da polícia e das Forças Armadas. Foi após essa operação que surgiu a primeira UPP - “Unidade de Polícia Pacificadora” do Complexo.

Para Rosa (2017), as UPPs não somente tinham relação com a pacificação das favelas, como eram parte da preocupação do Estado com a imagem que as favelas passariam aos turistas durante dois eventos importantes, que seriam responsáveis por atraí-los para o país: A Copa do Mundo e as Olimpíadas. Burgos (2011) trata a respeito da percepção dos moradores a respeito dessas UPPs, trabalhada em quatro favelas do Rio de Janeiro, na Tijuca, Leme, Copacabana e uma não identificada no subúrbio. O autor, ao conversar com moradores da favela da Tijuca sobre o que eles pensavam a respeito da implementação das UPPs, constatou que a memória que permanece com eles, do período anterior a chegada das UPPs, é da violência que existia na comunidade:

para a gente serviu para dormir em paz. O pior dia de todos era domingo. Para a gente parecia que eles marcavam encontro dia de domingo. Antes, domingo, dava seis horas da noite e a gente começava a sentir uma preocupação imensa, eles subiam no campo, os daqui atiravam para lá, os de lá atiravam para cá, e a gente rezando para que amanhecesse o dia, porque a polícia só vinha quando amanhecia, não vinha de noite. Hoje eles estão aí, mas antes só vinham pela manhã. (Mulher, 36 anos, comerciante) (Burgos, 2011, p. 62)

De acordo com o autor, os moradores se dividem em três grupos de leituras diferentes a respeito das UPPs: aqueles que não vêem mudanças desde sua implementação, os que vêem poucas mudanças e os que vêem nelas uma transformação que os permite se sentir mais em segurança. Esse sentimento de segurança permite que se tenha maior circulação das pessoas dentro da própria comunidade, coisa que não existia antes da chegada das UPPs.

Para as minhas filhas agora está “mil por cento” de bom. Porque, antigamente... não era bom. [...] Hoje, elas podem subir de madrugada. Antes não, porque eu tinha medo. Agora a UPP está aqui. Para fazer nossa segurança. Antigamente, anos atrás, eu nem deixava elas saírem: era bandido, tiro, muita coisa. E essas coisas não acontecem mais. Mas antes, eu tinha até preocupação de dormir aqui. (Mulher, 35 anos) (BURGOS, 2011, p. 69)

O autor mostra que há aquela parcela dos moradores que discorda, pois não veem melhorias na presença das UPPs dentro das comunidades, chegando até a criticar o comportamento dos policiais que lá trabalham e apontando que não há diferença com a sua implementação.

Eu acho que a UPP não serve para nada. Não está servindo para nada. Porque eles deveriam servir para ajudar a comunidade. Para levar senhoras idosas, transportar elas nessas subidas, coisas assim. Ajudar mais as pessoas. (Mulher, 51 anos) (BURGOS, 2011, p. 82)

Como foi possível constatar, para os moradores, a implementação das UPPs foi essencial para transmitir um sentimento de segurança, especialmente para a circulação dentro da comunidade. Mas não só para o morador.

Com a redução da violência e dos conflitos promovidas pela presença das UPPs, a circulação dos turistas dentro das favelas aumentou, como aponta Dias (2016). Não somente proporcionando o aumento da circulação de pessoas, notou-se também o crescimento das atividades turísticas e culturais, na pesquisa de campo de Dias (2016), em específico, essa mudança foi percebida no Complexo do Alemão.

Consequentemente, essa mudança não somente promove crescimento do fluxo de turistas na favela, como circulação de capital na economia local, devido ao fato (já analisado anteriormente) de que muitos moradores não só tiram do turismo de favela o seu sustento, e de sua família, como a atividade turística pode trazer investimento para comunidade local também.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo tinha como objetivo realizar uma revisão da literatura nacional sobre a percepção dos moradores de comunidades a respeito do turismo de favela. Também foram trabalhados os conceitos de favela, sua origem, o que são os *dark tours* e quais os meios responsáveis por vender a imagem da favela, atraindo turistas. A temática abordada contribuiu para que, num universo do turismo de favela onde a percepção do morador como ator social ainda é pouco investigada e analisada a fundo, o morador se tornasse figura central do objeto de estudo. Considerando a limitação indicada anteriormente, a metodologia utilizada ainda foi suficiente para que se obtivesse conclusões a respeito da temática.

Se tratando da atividade turística nas favelas, pôde-se dividir os moradores em dois grupos: os que aproveitam e/ou vêem no turismo alguma forma de benefício, seja incrementando a renda da família ou por outros motivos, e os que enxergam o turismo como exploração. O elemento que se viu mais presente nos discursos foi a relação entre os moradores e os turistas, onde os moradores priorizam o contato com os turistas e o vêem como fator importante para a experiência do *tour* na favela, responsável por prover um aprendizado maior para o turista, do que se o passeio fosse realizado por uma agência de fora. Foi possível observar uma crítica por parte dos moradores a respeito do modelo do *tour* realizado, e é através da implementação do Turismo Sustentável e do Turismo de Base Comunitária que os moradores encontram meios de mudá-lo e aproximar a comunidade local dos visitantes.

Outro elemento que se vê presente na abordagem da literatura nacional é a relação entre UPPs e comunidade local, onde o sentimento de segurança tanto dos moradores quanto dos turistas é predominante, apesar da parcela de entrevistados que não vê nenhuma ou poucas mudanças desde a sua implementação.

Por meio da análise do conteúdo disponível, conclui-se que hoje há uma maior aceitação do turismo de favela pela população, a partir do momento que o turismo de favela se tornou uma ferramenta de geração de renda para a comunidade local, a sua participação na atividade turística aumentou e os *tours* se tornaram responsáveis por alterar o imaginário que o turista tem da favela e dos seus moradores.

### REFERENCIAS

ANNUNCIACÃO,, Aparecida L.; FARIA Mariana G. **Turismo De Experiência Nas Favelas Cariocas: Uma Análise Desta Atividade E Seu Impacto Nas Comunidade**. V Fórum Internacional De Turismo Do Iguassu. 2011.

BORGHI, Juliana M. **Turismo na Favela: A Representação Simbólica da Relação Objeto-espectador**. Universidade de São Paulo, 2015.

BOYER, Christian. **Pobreza E Desigualdade Na Favela: Pesquisa Etnográfica Em Favela Carioca**. Departamento de Ciências Sociais. s/d.

BRUM, Mario. **Favelas e remocionismo ontem e hoje: da Ditadura de 1964 aos Grandes Eventos. O Social em Questão - Ano XVI - nº 29 - 2013**

BURGOS, Marcelo Baumann et al. **O Efeito UPP na Percepção dos Moradores das Favelas. Desigualdade & Diversidade – Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio, nº 11, ago/dez, 2011, pp. 49-98**

CAVALCANTI, Flávia Garofalo. Cidade Falada. **Percepções da vida urbana no Complexo do Alemão / RJ. XVIIENANPUR. São Paulo, 2017.**

COUTO, Patrícia Brandão; RODRIGUES, Rute Imanishi. **A Gramática Da Moradia No Complexo Do Alemão: História, Documentos E Narrativas Brasília. IPEA, 2015.**

CRESPO, Antônio Pedro Albernaz; GUROVITZ, Elaine. **A pobreza como um fenômeno multidimensional. RAElectron. [online].2002, vol.1, n.2, pp.02-12. ISSN 1676-5648. .**

Carvalho, T.L.G. **O turismo no Morro da Babilônia: do reflorestamento ao Ecoturismo. Revista Brasileira de Ecoturismo, São Paulo, v.9, n.1**

DE PAULA, Mara Raquel Rodrigues. **Cinema E Turismo: O Impacto Dos Filmes Cidade De Deus E Tropa De Elite No Imaginário Do Turista Internacional No Rio De Janeiro. S/D. Universidade de Coimbra.**

DIAS, Letícia S. **Impactos Da Implantação Da Upp E Do Teleférico Nas Atividades Turísticas E Culturais No Complexo Do Alemão. IV enanparq. UFF, 2016**

DUTRA, Eliane Aparecida. **Cidade De Deus: A Banalização Da Violência Como Discurso. Universidade Federal de Santa Catarina 2005.**

FERNANDEZ, Alexandre et all. **Turismo Solidário No Complexo Do Alemão: Proposta De Desenvolvimento Sustentável. Revista Semioses, v 8, n.01, 2014.**

FIDALGO, Janaina. **"Favela Rising" revela alternativa de combate ao tráfico. Folha de São Paulo.**

FLÉCHET, A. (2009). **Um mito exótico? A recepção crítica de Orfeu Negro de Marcel Camus (1959-2008). Significação: Revista De Cultura Audiovisual, 36(32), 43-62.**

FRANQUEIRA, Bruno Dias. **Cidade de Deus e as Representações Sociais de lugar violento .XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Ouro Preto - MG – 28 a 30/06/2012**

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. **A Favela e seus trânsitos turísticos. Observatório de Inovação do Turismo – Revista Acadêmica . Volume II – Número 2 – Junho de 2007**

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. **A construção da favela carioca como destino turístico. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.**

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. **A favela que se vê e que se vende: reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico. Rev. bras. Ci. Soc. [online]. 2007.**

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. **Entre tapas e beijos: a favela turística na perspectiva de seus moradores. 2010.**

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. **Gringo na laje: produção, circulação e consumo da favela turística. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2009.**

FURTADO, Angélica Neiva Santos. **O Turismo de Realidade na Favela Santa Marta**: estudo de caso de uma atividade dita sustentável. RBTUR. Rev. Bras. Pesq. Tur. São Paulo, 11(3), pp. 413-435, set./dez. 2017.

IBGE. **Aglomerados Subnormais. Informações Territoriais**. Censo 2010.

KAMADA, DENISE M. P. **A Construção Da Favela Turística**: O Caso De Vila Canoas, RJ. Universidade Federal Da Grande Dourados. 2015

LEITE, Thaís C. S. **Resistir à Paz**: Uma análise sobre as Unidades de Polícia Pacificadora. Juiz de Fora. UFJF, 2016.

Lei Complementar n.º 111 de 1º de fevereiro de 2011. **O Plano Diretor do Município do Rio de Janeiro**.

MACHADO, Daniela. **Turismo De Favela E Desenvolvimento Sustentável**: Um Estudo Do Turismo De Favela No Bairro De Vila Canoas, Zona Sul Do Rio De Janeiro. PUC/RIO. 2007

MANO, Apoena Dias et al. **Turismo de base comunitária na favela Santa Marta (RJ)**: oportunidades sociais, econômicas e culturais. Rev. Bras. Pesq. Tur. São Paulo, 11(3), pp. 413-435, set./dez. 2017

MENDES, Izabel Cristina Reis. **O Uso Contemporâneo da Favela na Cidade do Rio de Janeiro**. São Paulo, 2014.

MENEZES, Palloma et al. **OS URBANISTAS**. Revista De Antropologia, ano 5, vol. 5, n. 7, 2008.

MENEZES, Palloma. **Turismo e favela**: reflexões sobre ética e fotografia. Dialogando no Turismo, Rosana (SP), v. 1, n. 3, p. 10-30, 2007.

MOTA, Gabriel. **Racismo E Preconceito**: Conheça A História Por Trás Dos Zoológicos Humanos. Disponível em: <<https://www.agambarra.com/zoologicos-humanos/> Acesso em: 05 nov. 2017>

PORTO, Jacinety Ferreira. **Favela E Comunidade**: Uma Jornada Em Busca De Definições A Partir De Entrevista Com Professoras De Creche. Departamento de Educação.

Autor Desconhecido. **O lugar do pobre na cidade**: dos Cortiços à Favela. PUC/RIO. Certificado Digital No 0510433/CA

Prefeitura do Rio de Janeiro; RIO+ Social. **Panorama dos Territórios**: UPP's do Complexo do Alemão. Rio de Janeiro, 2/2017.

RioOnWatch. **Construções Sociais da Favela Parte 3: Turismo de Favela como Resistência**. <Disponível em: <http://riononwatch.org.br/?p=26060>> Acesso em: 29 Junho 2018.

ROSA, Anne Bastos Martins. **Turismo de favela**: representações, estigma e poder. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro. 2017.

SCHWERTNER, Suzana Feldens. **Ficção e realidade no programa Cidade dos Homens**: elementos para pensar sobre mídia e pedagogia das imagens\*. Educar, Curitiba, n. 26, p. 39-52, 2005. Editora UFPR.

SERSON, Bac. Paulo. **A Experiência Turística na Favela da Rocinha (Rio de Janeiro - RJ)**. Revista Eletrônica de Turismo Cultural. 2008

SILVA, Jailson de Souza et al. **O que é a Favela, afinal?** Observatório de Favelas, 2009.

Senado Federal do Brasil. **Conferência Rio-92 sobre o meio ambiente do planeta:** desenvolvimento sustentável dos países. Jornal do Senado Federal.

**Tem Gringo No Morro.** Produção de Bruno Gaziano, Everton Oliveira e Marjorie Niele. Rio de Janeiro, 2013. Documentário.

VALLADARES, Licia. **A gênese da favela carioca. A produção anterior às ciências sociais.** Rev. bras. Ci. Soc. [online]. 2000, vol.15, n.44, p.05-34.

Ministério do Turismo. **Turismo Sustentável.** Programa de Regionalização do Turismo. Brasília, agosto de 2015.